

RELATO DE EXPERIÊNCIA: SAÚDE E SUSTENTABILIDADE - IMPORTÂNCIA DO DESCARTE ADEQUADO DE MEDICAMENTOS PARA O MEIO AMBIENTE

*EXPERIENCE REPORT: HEALTH AND SUSTAINABILITY - THE IMPORTANCE OF
PROPER MEDICATION DISPOSAL FOR THE ENVIRONMENT*

Gabriela Brandão de Moraes Palmeiro¹; Paula Stephania Ferreira de Barros²; Sara
Maria dos Santos Alves da Silva³

¹Instituto Federal de Alagoas – IFAL. E-mail: gbmp1@aluno.ifal.edu.br; ²Instituto Federal de Alagoas – IFAL. E-mail: psfb1@aluno.ifal.edu.br; ³Instituto Federal de Alagoas – IFAL. E-mail: smsas1@aluno.ifal.edu.br

RESUMO: Este relato descreve uma intervenção de extensão na UBS Pedras, em Marechal Deodoro/AL, voltada ao descarte adequado de medicamentos domiciliares. Entre agosto e novembro de 2024, realizamos diagnóstico com profissionais de saúde e ações educativas com usuários da unidade, seguidas da implantação de um ponto fixo de coleta de medicamentos vencidos e em desuso. As atividades incluíram oficina técnica com a equipe, rodas de conversa com a comunidade e distribuição de materiais informativos. Ao final, 88% dos profissionais relataram maior segurança para orientar pacientes; entre os usuários participantes, 90% consideraram as orientações “muito claras” e 80% defenderam a continuidade das ações. Como desafios, destacaram-se a percepção do tema como secundário na rotina da UBS, limitações orçamentárias e a necessidade de assegurar a manutenção do ponto de coleta. Concluímos que ações simples, de baixo custo e articuladas ao marco legal de resíduos, podem fortalecer práticas seguras de descarte e integrar saúde pública e educação ambiental no nível local.

Palavras-chave: descarte de medicamentos; contaminação de água e solo; ambiental; saúde pública.

ABSTRACT: This text presents a sample abstract for articles and experience reports submitted to the EXTIFAL Journal. The abstract must be a single paragraph, with a maximum of 250 words, written in an objective and impersonal tone, without subheadings or bibliographic references. In the case of articles, the abstract should clearly state the problem investigated, the research objectives, the methodology used, the main results, and the conclusions. For experience reports, the abstract is expected to highlight the context of the extension activity, a brief description of the actions developed, the project's objectives, the target audience involved, and the main outcomes or observed impacts. In both cases, the abstract must emphasize the social relevance of the proposal and its alignment with the principles of university extension, such as the inseparability of teaching, research, and extension, dialogical interaction with the community, and the formative nature of the action.

Keywords: Keyword 1. Keyword 2. Keyword three.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a relação entre os seres humanos e os resíduos que produzimos tem sido marcada pela negligência, pela invisibilização e, mais recentemente, por tentativas isoladas de controle. Em meio ao avanço acelerado da

indústria farmacêutica e ao aumento no consumo de medicamentos, um problema silencioso e ainda pouco debatido vem se agravando: o descarte inadequado de medicamentos.

O descarte inadequado de medicamentos, prática ainda comum no lixo doméstico, em pias e vasos sanitários, representa um risco crescente para a saúde pública e para o meio ambiente. Essas substâncias liberam compostos químicos que contaminam o solo e a água, comprometendo ecossistemas inteiros e afetando tanto a biodiversidade quanto a saúde humana. É uma poluição que, muitas vezes, passa despercebida, seus efeitos não aparecem de imediato, mas se acumulam silenciosamente no cotidiano.

O problema se torna ainda mais grave em comunidades vulneráveis, onde há pouca informação e políticas públicas pouco efetivas. Nesse contexto, a população raramente sabe o que fazer com medicamentos vencidos ou em desuso, e até mesmo os profissionais de saúde, por falta de capacitação específica, acabam sem orientar corretamente os usuários. Assim, o ciclo de desinformação se perpetua e o meio ambiente continua sendo prejudicado.

Diante desse cenário, torna-se urgente adotar medidas que unam educação ambiental, políticas públicas e responsabilidade coletiva, promovendo o cuidado com a saúde e com o planeta. Os medicamentos, que simbolizam cuidado, avanço científico e esperança, também carregam impactos ambientais muitas vezes invisíveis. Como produtos químicos ativos, eles podem contaminar solo, água e seres vivos, evidenciando a importância de discutir a sustentabilidade no descarte desses resíduos.

O Brasil possui marcos legais importantes sobre a gestão de resíduos sólidos, como a Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305/2010) e a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC nº 222/2018) da ANVISA, uma resolução que define como os serviços de saúde devem lidar, separar e destinar corretamente seus resíduos, incluindo medicamentos vencidos ou inutilizados. Ou seja, que estabelecem responsabilidades e orientações para o tratamento de medicamentos descartados por serviços de saúde. No entanto, a prática cotidiana ainda enfrenta desafios. A infraestrutura precária, a fiscalização limitada e a pouca conscientização da população, especialmente quanto ao descarte doméstico.

Segundo a ANVISA, os medicamentos descartados por serviços de saúde e farmácias são classificados como resíduos do “Grupo B” devido às suas

características de inflamabilidade, corrosividade, reatividade e toxicidade. A RDC nº 222/2018 orienta que fármacos contendo hormônios, antimicrobianos, antineoplásicos, imunossupressores, digitálicos, antirretrovirais e outros sejam tratados ou dispostos em aterros de resíduos perigosos (Classe I). Essa regulamentação é um avanço, mas sua aplicação prática ainda enfrenta obstáculos.

Apesar desse marco legal, o descarte doméstico de medicamentos, comprimidos vencidos, xaropes, frascos, ainda é feito de maneira inadequada por parte da população e geralmente no lixo comum ou no vaso sanitário. Isso ocorre porque as normas da ANVISA não abrangem diretamente o descarte feito por usuários finais, deixando a população sem orientação clara e contribuindo para hábitos de descarte irregulares.

No município de Marechal Deodoro, cidade histórica de Alagoas e região metropolitana de Maceió, mostra que essa realidade se repete. Faltam campanhas educativas contínuas, infraestrutura para recolhimento e políticas locais bem estruturadas. Foi nesse contexto que surgiu o projeto de extensão “Saúde e Sustentabilidade: a importância do descarte correto de medicamentos para o meio ambiente”, com a proposta de intervir de forma educativa, crítica e sensível, buscando transformar não apenas práticas, mas também percepções da comunidade sobre o tema.

O município é banhado pelas águas das lagoas Mundaú e Manguaba, essas águas recortam o território. A vegetação é composta de manguezais e mata atlântica e, mais adiante, a Praia do Francês já anuncia o encontro entre a população local, o turismo e a natureza. É um lugar em que tudo está muito perto de tudo, das casas, os comércios, as marés, as estradas, o vai-e-vem diário de quem trabalha na cidade, mas depende diretamente dessas águas para sobreviver e viver. E, justamente por essa proximidade, qualquer prática inadequada como o descarte incorreto de medicamentos, tende a se espalhar rápido e afetar mais do que apenas o lixo da porta de casa.

Foi nesse cenário que nasceu o projeto de extensão “Saúde e Sustentabilidade: a importância do descarte correto de medicamentos para o meio ambiente”, com a intenção de entrar nesse fluxo cotidiano e provocar pequenas mudanças. A proposta é intervir de forma educativa, crítica e sensível, ajudando a comunidade a perceber que suas escolhas, por menores que pareçam, têm impacto direto nesse território tão vivo e tão interligado.

REFERENCIAL TEÓRICO

O avanço da ciência médica e da indústria farmacêutica trouxe conquistas importantes para a saúde pública, mas também aumentou a geração de resíduos. Entre eles, os medicamentos em desuso ou vencidos, cujo descarte inadequado se tornou prática comum em muitas comunidades brasileiras. A indústria farmacêutica é considerada hoje uma das grandes geradoras de resíduos, e a presença de fármacos no meio ambiente já é reconhecida como um problema global. Conforme Golin e Abrantes (2021, p.1):

A indústria farmacêutica é considerada uma grande geradora de resíduos e a presença de fármacos no meio ambiente tornou-se um grande problema no Brasil e no mundo. O simples ato do descarte inadequado de medicamentos no meio ambiente gera contaminação.

Esse alerta reforça a necessidade de discutir o ciclo completo dos medicamentos, da produção ao consumo e, principalmente, o pós-uso. Etapa em que os riscos ambientais costumam ser negligenciados tanto pelo poder público quanto pela população.

Medicamentos descartados no lixo comum ou na rede de esgoto liberam substâncias capazes de contaminar solo, águas superficiais e subterrâneas, com riscos diretos para os ecossistemas e a saúde humana. Segundo Silva *et al.* (2023, p.1120):

Os medicamentos descartados de forma inadequada têm provocado a contaminação em matrizes ambientais ao redor do mundo, especialmente na água e nos efluentes, visto que ainda é comum seu descarte em lixo comum ou na própria rede de esgoto.

Essa poluição é silenciosa, desequilibra ecossistemas e compromete a qualidade da água consumida por populações inteiras. Ignorar esses impactos é colocar em risco não apenas o meio ambiente, mas também a saúde coletiva, sobretudo em locais onde o saneamento é precário.

Os autores reforçam ainda que “a contaminação das matrizes ambientais traz consequências importantes para ecossistemas, mas também poderá se configurar como um problema de saúde pública” (Silva *et al.*, 2023, p.1119). Ainda assim, o

descarte incorreto segue frequente e pouco fiscalizado, contribuindo para a liberação constante de substâncias químicas no meio ambiente.

O descarte irregular de medicamentos também está diretamente ligado as chamadas “superbactérias”. Quando descartamos principalmente antibióticos, no lixo comum ou no esgoto, e quando esses resíduos chegam no solo e na água, as bactérias presentes nesses ambientes ficam em contato com doses baixas do medicamento, o que funciona como uma espécie de peneira, só sobrevivem as mais resistentes. E as que sobrevivem continuam se multiplicando, passando essa resistência adiante.

Segundo o Ministério da Saúde, na página da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa):

O termo superbactéria não é o mais correto tecnicamente, mas define bem o que pode acontecer quando os antibióticos são utilizados de forma inadequada e acabam provocando uma seleção das bactérias mais resistentes. O processo é simples, mas perigoso: bactérias que sobrevivem aos antibióticos podem gerar outras bactérias que também são resistentes. Tecnicamente essas bactérias são chamadas de multirresistentes, ou seja, resistem a vários tipos de medicamentos.

Resistência microbiana é o nome deste processo, que é uma das maiores preocupações de profissionais e autoridades da área de saúde no mundo inteiro.

Na prática, o que acontece é que o uso e o descarte inadequado de antibióticos, seja no corpo humano ou de outros animais e também no meio ambiente, selecionam essas bactérias que já não respondem a vários remédios. Por isso, é essencial implementar políticas eficazes de descarte e promover ações de conscientização que incentivem práticas mais sustentáveis no dia a dia da população.

A urgência de discutir o descarte inadequado de medicamentos está em sintonia com os compromissos da Agenda 2030 da ONU, especialmente os ODS 3 (saúde e bem-estar), ODS 6 (água potável e saneamento), ODS 12 (consumo e produção responsáveis), ODS 14 (vida na água) e ODS 15 (vida terrestre). Juntos, esses objetivos apontam para a necessidade de práticas sustentáveis que reduzam os impactos à saúde e ao meio ambiente.

Segundo a ANVISA (2012 *apud* Golin e Abrantes, 2021):

Atitudes como essas geram agressões ao meio ambiente, contaminação da água, do solo e de animais, além do risco à saúde de pessoas que possam reutilizá-los por acidente ou mesmo, intencionalmente, devido a fatores sociais ou circunstanciais diversos.

Essa constatação mostra que o problema ultrapassa o campo ambiental e envolve também aspectos sociais e de saúde pública. Exige políticas eficazes e, ao mesmo tempo, estratégias educativas que despertem a responsabilidade coletiva sobre o destino dos medicamentos.

Além disso, o projeto dialoga com os princípios da educação ambiental crítica, inspirada em autores como Paulo Freire. Freire nos lembra que o conhecimento nasce do diálogo, e que a educação verdadeira acontece quando quem ensina também aprende com o outro. Essa visão ao destacar que a mudança ambiental só acontece quando as pessoas se reconhecem como parte do problema e da solução. Essa perspectiva orientou a proposta do projeto: ouvir, construir junto e promover uma educação que faz sentido para a vida real das pessoas, e não apenas para os livros.

De acordo com Ceccon (2014 - p. 3), “a educação ambiental precisa nascer do diálogo, do reconhecimento da realidade local e da construção coletiva do conhecimento”, o que contribui para que a reflexão sobre o descarte de medicamentos vai além da simples transmissão de informações.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral

O objetivo geral do projeto foi sensibilizar e conscientizar profissionais de saúde e usuários da UBS Pedras sobre os impactos do descarte inadequado de medicamentos, promovendo práticas sustentáveis. Para alcançar essa meta, o projeto desenvolveu diversas ações complementares: inicialmente, realizou-se um diagnóstico para compreender o nível de conhecimento sobre o descarte correto de medicamentos; em seguida, foram produzidos materiais informativos com linguagem acessível e atrativa, destinados tanto aos profissionais quanto à comunidade usuária. Paralelamente, promoveram-se oficinas com os profissionais da UBS, bem como palestras e rodas de conversa com os usuários, criando espaços de troca e

aprendizado. Além disso, implantou-se um ponto fixo de coleta de medicamentos vencidos na UBS Pedras, garantindo um local seguro e contínuo para o descarte.

Objetivo Específico

Como objetivos específicos desse projeto, buscou-se::

- Compreender o nível de conhecimento dos profissionais e usuários sobre o tema;
- Fortalecer o papel educativo da UBS como espaço de diálogo e cuidado;
- Criar materiais informativos com linguagem simples, acessível e próxima da realidade da comunidade;
- Sensibilizar a comunidade e os profissionais de saúde sobre a importância do manejo e descarte adequado de medicamentos.
- Promover oficinas para os profissionais da UBS sobre o manejo adequado e descarte de medicamentos.
- Desenvolver uma campanha educativa para sensibilizar a população usuária da UBS Pedras sobre os impactos ambientais e na saúde causados a partir do descarte inadequado de medicamentos e promover a adoção de práticas sustentáveis.
- E, por fim, implantar um ponto fixo de coleta de medicamentos vencidos e em desuso dentro da unidade, garantindo um local seguro para o descarte contínuo.

Esses objetivos surgiram de uma inquietação comum entre nós, discentes e orientadores: como transformar o descarte de medicamentos em um ato de responsabilidade coletiva? E, mais ainda, como a universidade pode atuar junto à comunidade para enfrentar esse desafio de forma concreta e afetiva?

Metodologia Aplicada

Esse relato de experiência surge de uma inquietação, como transformar o descarte de medicamentos em um ato de responsabilidade coletiva e de que forma a universidade pode atuar junto à comunidade. O projeto de extensão “Saúde e Sustentabilidade: a importância do descarte correto de medicamentos para o meio

ambiente” foi desenvolvido entre agosto e novembro de 2024, no município de Marechal Deodoro (AL), em parceria com a UBS Pedras, e idealizado por discentes do curso de Gestão Ambiental do IFAL – Campus Marechal Deodoro, sob orientação dos professores José Jenivaldo de Melo Irmão e Alencar Bacarji.

A metodologia foi guiada pelos princípios da educação ambiental crítica, da escuta ativa e da extensão universitária transformadora, valorizando o diálogo e a troca de saberes. A ideia era simples, mas potente: unir teoria e prática para que o conhecimento acadêmico fizesse sentido no cotidiano da comunidade.

O primeiro passo foi uma revisão bibliográfica, que forneceu o embasamento teórico necessário sobre descarte de medicamentos e impactos ambientais. Em seguida, realizamos um diagnóstico participativo, aplicando questionários estruturados a treze profissionais da UBS (entre agentes, técnicos e enfermeiros) e conduzindo rodas de conversa com os usuários durante os dias de campanha. Essas conversas foram essenciais para compreender percepções, dúvidas e práticas locais sobre o descarte de medicamentos.

A partir do diagnóstico, criamos materiais educativos com linguagem simples e recursos visuais como cartazes, panfletos e frases de impacto, que foram distribuídos entre os profissionais e a comunidade usuária. O conteúdo foi construído de modo acessível, aproximando a informação técnica do cotidiano das pessoas.

Também realizamos oficinas e palestras, planejadas como espaços de troca de experiências e saberes, e não como simples repasse de conteúdo. Nesses momentos, os profissionais puderam compartilhar suas próprias práticas, dificuldades e ideias para o descarte correto. Em muitos momentos, as conversas espontâneas revelaram mais aprendizado do que os slides preparados.

Paralelamente, implantamos um ponto fixo de coleta de medicamentos vencidos e em desuso na recepção da UBS Pedras. O local foi escolhido estrategicamente por ser de fácil acesso, permitindo que qualquer usuário pudesse fazer o descarte de forma segura. Esse ponto se tornou, mais do que um recipiente, um símbolo de cuidado coletivo com a saúde e o meio ambiente.

A avaliação do projeto foi feita por meio de questionários, observações qualitativas e registros de campo, o que possibilitou analisar resultados, refletir sobre aprendizados e planejar melhorias para futuras ações.

Mais do que relatar procedimentos, essa metodologia buscou integrar educação e prática comunitária, mostrando que é possível fazer extensão universitária

de um jeito vivo, participativo e transformador. As ações foram construídas com a comunidade, e não apenas para ela, um princípio que vem de Paulo Freire, quando afirma que a educação verdadeira é aquela que nasce do encontro e da escuta. Como destacam Dutra e Souza (2021 - p. 56), “a educação ambiental crítica articula realidade social, problematização e transformação, superando práticas meramente instrucionais que pouco dialogam com o cotidiano das pessoas”.

RESULTADOS E ANÁLISE

Ao longo da execução do projeto, os dados coletados na UBS Pedras mostraram uma diferença clara entre o que as pessoas sabiam sobre o descarte de medicamentos e o que realmente faziam no dia a dia. Tanto os profissionais de saúde quanto os usuários demonstraram algum conhecimento sobre o problema, mas ainda havia muitas dúvidas, desinformações, inseguranças e até mitos em torno do tema sustentavam hábitos inadequados sobre o tema.

No diagnóstico inicial, realizado com treze profissionais, observamos que poucos tinham recebido alguma capacitação específica após a formação acadêmica. Embora a maioria soubesse que o descarte adequado deveria ocorrer em pontos específicos, ainda havia quem considerasse o lixo comum ou o vaso sanitário como opções aceitáveis e principalmente, mais fáceis.

Praticamente todos reconheciam os riscos do descarte incorreto, mas no decorrer da conversa, dava pra perceber que a ideia dos impactos ambientais ainda era muito vaga. A maioria sabia que “jogar remédio no vaso ou no lixo faz mal”, mas não conseguia explicar como esse descarte mexe com a água, o solo, os organismos vivos ou até com a saúde da própria comunidade. Faltava aquele entendimento mais completo, aquele “por quê” que ajuda a conectar a prática ao dano real. Então, poucos sabiam explicar de forma um pouco mais detalhada os impactos ambientais.

Com isso, percebemos que os usuários da UBS também não eram devidamente orientados. A falta de informação de um lado acabava alimentando a desinformação do outro, um ciclo que só poderia ser rompido com diálogo, escuta e educação ambiental.

As oficinas com os profissionais foram momentos valiosos. Elas funcionaram como espaços de conversa franca e reconstrução do conhecimento. Em vez de simplesmente repassar conteúdos técnicos, buscamos dialogar sobre o que cada um

já sabia, sobre os desafios do dia a dia e sobre o que poderia ser feito de forma simples, mas efetiva. Esse formato gerou identificação e pertencimento.

Surgiram relatos sobre descarte de amostras grátis, armazenamento de sobras e sugestões de como replicar a oficina em outros setores da unidade. No fim, 88% dos profissionais relataram se sentir mais seguros para orientar os pacientes e demonstraram interesse em produzir novos materiais educativos.

Com os usuários da UBS, adotamos uma abordagem mais leve e próxima, com rodas de conversa, dinâmicas e cartazes coloridos. As frases “Seu remédio não pode virar veneno” e “Descarte é cuidado” chamaram atenção e facilitaram o entendimento. A adesão foi ótima: 90% dos participantes consideraram as orientações “muito claras” e 80% defenderam a continuidade das ações, o que mostra que informação, quando é transmitida de forma simples e com empatia, realmente transforma comportamentos.

A implantação do ponto fixo de coleta foi um marco. Ele se tornou um símbolo de responsabilidade compartilhada entre a comunidade, os profissionais e o poder público. Não era apenas um balde para jogar remédios fora; era um lembrete visível de que pequenas atitudes podem gerar grandes mudanças. A equipe da UBS assumiu o compromisso de manter o ponto ativo e sinalizado, e nas semanas seguintes foi possível observar um aumento real na entrega de medicamentos vencidos.

Na avaliação final, percebemos mudanças sutis, mas consistentes. Profissionais e usuários passaram a compreender melhor os riscos do descarte incorreto e a adotar novos hábitos dentro e fora da UBS.

Entre os resultados mensuráveis, destacam-se: o aumento do conhecimento técnico entre os profissionais, o reconhecimento do ponto de coleta como espaço legítimo e confiável, o engajamento positivo em todas as atividades (77% dos profissionais se disseram engajados) e a identificação de novas demandas ambientais para futuras ações, como o problema das queimadas e o descarte incorreto de resíduos domésticos.

Esses resultados mostraram que projetos simples, quando construídos coletivamente, podem gerar transformações reais.

Além disso, é importante destacar que os benefícios do projeto foram duplos. Para a comunidade, o projeto trouxe informação, segurança e a chance de se sentir parte de algo maior, que impacta diretamente sua saúde e o ambiente em que vive. Para o IFAL, significou a consolidação de um aprendizado prático e humano, que vai

muito além da sala de aula. A experiência mostrou como a extensão fortalece a formação dos discentes, desenvolve senso crítico e reforça o papel social da instituição em seu território.

Desafios Enfrentados

Mesmo com todos os resultados positivos, o projeto enfrentou vários desafios, alguns estruturais, outros mais subjetivos.

Um dos principais foi a invisibilidade do tema na rotina da saúde pública. Apesar de o descarte incorreto de medicamentos representar risco tanto ambiental quanto à saúde, ele ainda é visto como algo secundário dentro das unidades de atendimento. Muitos profissionais relataram nunca ter recebido formação específica sobre o assunto e, por isso, acabam priorizando outras demandas mais urgentes, como o atendimento clínico direto.

Outro obstáculo foi a falta de recursos materiais e financeiros. O projeto teve de ser executado com criatividade e reaproveitamento de materiais, o que exigiu um esforço coletivo. Mesmo assim, tudo o que foi planejado conseguiu ser realizado. Essa limitação, no entanto, deixou evidente que ações educativas e ambientais ainda são vistas como “custos extras” dentro das políticas de saúde pública, quando na verdade deveriam estar estruturadas de forma permanente e integrada.

A adesão da comunidade também exigiu paciência e sensibilidade. No começo, algumas pessoas não se mostraram interessadas. Achavam o tema distante de suas realidades ou viam o descarte de medicamentos como algo “sem importância”. Foi preciso construir a conversa com calma, mostrando que aquele remédio jogado na pia ou no lixo poderia voltar para o corpo delas por meio da água, dos peixes, da terra. Essa abordagem mais afetiva, e menos técnica, fez toda diferença. Aos poucos, o tema deixou de ser visto como um problema dos outros e passou a ser entendido como um cuidado coletivo.

Outro ponto importante foi o desafio de garantir a continuidade da ação. Manter o ponto de coleta ativo depois do fim do projeto depende do envolvimento da UBS, da rotatividade de profissionais e do apoio das secretarias municipais. A gente conseguiu plantar uma semente, mas, como toda semente, ela precisa de cuidado para crescer. O projeto mostrou que o primeiro passo está dado, mas a sustentabilidade dele depende de políticas públicas consistentes e de formação continuada.

Esses desafios não diminuem o valor da experiência, pelo contrário, deram a ela mais sentido. Mostraram que fazer extensão é lidar com o real, com as limitações e as possibilidades do cotidiano. É aprender que o conhecimento não se impõe, se constrói junto, e que a mudança começa aos poucos, no tempo das pessoas.

Aprendizados e Legados

Projetos de extensão têm começo, meio e fim no papel, mas na prática eles continuam vivos, nas conversas que surgem depois, nas atitudes que mudam aos poucos, nas pessoas que passam a olhar o mundo com outro cuidado. E foi exatamente isso que aconteceu com a gente durante e depois desse projeto sobre o descarte de medicamentos.

O fim do projeto não significou um encerramento; foi mais um recomeço cheio de novas perguntas e possibilidades.

Aprendemos que descartar um simples comprimido não é um gesto banal. Por trás dele existem camadas de histórias, de medos, de hábitos e de desigualdades. Aprendemos também que toda ação deixa uma marca, seja no solo, na água, no corpo de alguém ou na consciência de quem passa a perceber o impacto dos seus próprios atos.

A sustentabilidade não se constrói com grandes discursos, mas com atitudes pequenas e constantes, como orientar uma pessoa idosa a não jogar o antibiótico vencido na pia ou no vaso e sim em um ponto de coleta específico.

Durante as rodas de conversa, a educação se revelou uma ferramenta, deu para entender que a educação é, antes de tudo, um ato de cuidado coletivo.

Ao ouvir histórias de automedicação, de acúmulo de remédios “por precaução” ou de descarte improvisado, percebemos o quanto a falta de informação é também uma forma de desigualdade principalmente no acesso a informação e ao direito ambiental básico. Em cada conversa, a gente via nascer um novo entendimento sobre o que é responsabilidade ambiental. Mais do que ensinar, criamos pontes entre saúde pública, gestão ambiental, educação e cidadania.

O projeto também revelou o papel político e social da extensão universitária. Fazer extensão não é só aplicar o conhecimento, é construir conhecimento junto, com base na escuta e no respeito. Quando nos sentamos em roda com agentes de saúde, pacientes e técnicos, ficou claro que todos tinham algo a ensinar e algo a aprender, o

saber se multiplica e se reinventa. É essa educação dialógica, viva e sensível que transforma tanto quem ensina quanto quem aprende.

Com a extensão, aprendemos a negociar com a realidade, improvisar com poucos recursos e enxergar potência onde antes havia descaso, entendendo que a defesa do meio ambiente começa nos pequenos rituais do cotidiano.

Essa vivência também se aproxima do conhecemos de educação pela prática aquela que forma pela experiência, pelo enfrentamento dos desafios reais que é comprometida com a transformação social e com o conhecimento construído de forma partilhada. Assim, cada passo do projeto reforçou que a extensão é, ao mesmo tempo, um espaço de aprendizado, de pertencimento e de compromisso com o outro.

Talvez o maior legado tenha sido o despertar, um despertar para o fato de que o meio ambiente não é algo distante, mas o próprio espaço em que vivemos e dependemos. Despertar para entender que o medicamento pode ser cura ou veneno, dependendo de como é usado e descartado. Despertar para perceber que a mudança começa em gestos simples, mas sustentados por uma consciência nova, que nasce quando a gente se sente parte da solução.

Mais do que resultados numéricos, o projeto deixou em todos nós a sensação de que vale a pena insistir na educação como caminho. E que a extensão, quando feita com afeto, respeito e diálogo, não termina quando o projeto acaba. Ela continua na memória das pessoas e no cuidado que elas passam a ter com o mundo ao redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência mostrou que é totalmente possível integrar educação ambiental e ações de recolhimento de medicamentos na rotina da UBS, mesmo com poucos recursos. Com criatividade e colaboração, foi possível realizar todas as atividades planejadas e ainda fortalecer o vínculo entre universidade e comunidade.

No entanto, a continuidade desse trabalho depende diretamente do apoio institucional do instituto federal, do governo e da manutenção do ponto de coleta de medicamentos, garantindo o descarte seguro dos resíduos. Também é essencial que a equipe da UBS receba capacitações periódicas, para que o conhecimento circule e não se perca com o tempo.

O projeto é facilmente replicável em outras unidades do município, bastando pequenos ajustes conforme cada realidade local. Essa replicação é o que dá sentido à extensão: quando a ideia se espalha, o impacto se multiplica.

Encerramos este relato reafirmando uma constatação simples, mas profunda: descartar é escolher, e toda escolha carrega implicações éticas, sociais e ambientais. Enquanto medicamentos forem jogados em pias e vasos sanitários, continuarão contaminando rios, peixes e, de forma invisível, nossa própria saúde. Enquanto a educação ambiental for tratada como um “extra”, teremos gerações que olham a natureza como cenário, e não como parte de si mesmas.

Este projeto foi uma tentativa de romper com essa lógica, mostrando que o cuidado com o meio ambiente começa em casa, na UBS, na escola, em todos e em qualquer lugar e que saúde e sustentabilidade são dimensões inseparáveis.

Além dos resultados concretos, o projeto reafirmou o papel social do IFAL e a importância da universidade pública na construção de um futuro mais consciente. A parceria com a comunidade da UBS Pedras mostrou que quando o conhecimento se aproxima das pessoas e nasce do diálogo, ele se torna mais forte e transformador.

O impacto mais bonito talvez não tenha sido o ponto de coleta em si, mas o que ele simbolizou, um espaço de confiança, de pertencimento e de responsabilidade compartilhada.

E se há algo que aprendemos com essa experiência, é que a extensão não termina quando o projeto acaba, ela continua nas atitudes, nos olhares e nas conversas que ele provoca. O maior resultado de um projeto de extensão não está nos gráficos nem nas tabelas, mas naquilo que ele consegue germinar consciência, empatia e vontade de cuidar do que é de todos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Uso incorreto de antibiótico estimula superbactérias**. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2018/uso-incorreto-de-antibiotico-estimula-superbacterias>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ANJOS, R. M. O.; SANTOS, J. R. B.; BRITO, L. M. Descarte de medicamentos domiciliares: uma análise de amostra obtida de uma ação de extensão realizada no município de Seropédica - RJ. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 7, p. 3660-3682, 2023. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1443005>. Acesso em: 05 set. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 10004: resíduos sólidos – classificação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. Disponível em: <https://analiticaqmresiduos.paginas.ufsc.br/files/2014/07/Nbr-10004-2004-Classificacao-De-Residuos-Solidos.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BILA, M. B.; DEZOTTI, M. Fármacos no meio ambiente. **Química Nova**, v. 26, n. 4, p. 523-530, 2003.

BRASIL. Decreto nº 10.388, de 5 de junho de 2020. Regulamenta o § 1º do art. 33 da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, e institui o sistema de logística reversa de medicamentos domiciliares. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 jun. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/decreto/d10388.htm. Acesso em: 08 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acesso em: 29 nov. 2024.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Governo Federal regulamenta correto descarte de medicamentos. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/noticias/governo-federal-regulamenta-correto-descarte-de-medicamentos>. Acesso em: 08 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Do armazenamento ao descarte: saiba como guardar remédios ou jogar fora os que estão em desuso. 13 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2022/12/do-armazenamento-ao-descarte-saiba-como-guardar-remedios-ou-jogar-fora-os-que-estao-em-desuso>. Acesso em: 08 set. 2025.

CARVALHO, E. V.; FERREIRA, E.; MUCINI, L.; SANTOS, C. Aspectos legais e toxicológicos do descarte de medicamentos. **Revista Brasileira de Toxicologia**, v. 22, p. 1-8, 2009. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1267799>. Acesso em: 30 nov. 2024.

CECCON, S. **A educação ambiental em diálogo com os princípios de Paulo Freire**. São Paulo: Memorial Paulo Freire, 2014. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). Quais os riscos relacionados ao descarte incorreto de medicamentos? 11 abr. 2024. Disponível em: <https://site.cff.org.br/noticia/noticias-do-cff/11/04/2024/quais-os-riscos-relacionados-ao-descarte-incorreto-de-medicamentos->. Acesso em: 08 set. 2025.

DEUS, R. M.; BATTISTELLE, R. A. G.; SILVA, G. H. R. Resíduos sólidos no Brasil: contexto, lacunas e tendências. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 20, n. 4, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/esa/a/jLnBfyWrW7MPPVZSz46B8JG/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

DUTRA, T. C.; SOUZA, O. G. As relações teórico-metodológicas entre o pensamento de Paulo Freire e a educação ambiental crítica. **Ambiente & Educação**, v. 26, n. 2, p. 51-68, 2021.

FALQUETO, E.; KLIGERMAN, D. C.; ASSUMPÇÃO, R. F. Como realizar o correto descarte de resíduos de medicamentos? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, p. 3283-3293, 2006. Disponível em: www.scielo.br/j/csc/a/Fv3BhfpY6KZMWvXJSnr9KTk/?lang=pt. Acesso em: 06 set. 2024.

FREITAS, A. R.; FONSECA, M. G.; et al. Descarte domiciliar de medicamentos e impactos na saúde e no meio ambiente. **Ciência & Saúde Coletiva**, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6wySXdYtDxp3vjcnxM8sWyH/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2025.

FUNDAÇÃO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE (FEAM). Medicamentos de uso humano vencidos ou em desuso. Disponível em: <https://feam.br/2075-medicamentos-de-uso-humano-vencidos-ou-em-desuso>. Acesso em: 08 set. 2025.

GOLIN, R. H.; ABRANTES, M. L. M. Descarte correto de medicamentos: o fracionamento como complemento à logística reversa. **Revista Acadêmica Oswaldo Cruz**, ano 8, n. 32, out./dez. 2021. Disponível em: https://www.oswaldocruz.br/revista_academica/edicoes/Edicao_32/index.html. Acesso em: 13 nov. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Uso e descarte correto de medicamentos são responsabilidade de todos. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/comunicacao/noticias/uso-e-descarte-correto-de-medicamentos-sao-responsabilidade-de-todos>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PARENTE, G. C.; SILVA, M. M. P.; CARVALHO, C. R. O conhecimento da população sobre o descarte adequado de medicamento vencido. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1146085>.

PINTO, G. M. F.; SILVA, K. R.; PEREIRA, R. F. A. B.; SAMPAIO, S. I. Estudo do descarte residencial de medicamentos vencidos na região de Paulínia (SP), Brasil. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 19, n. 3, p. 219-224, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/esa/a/5qp6ZpKMcywyMqkW8sGRx3w/?lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2024.

SANTOS, A. L.; LOPES, M. G. S. S.; YOGI, M. S. C.; MORAES, F. C. Descarte de medicamentos e seus impactos à saúde e meio ambiente. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**.

SILVA, V. W. P.; FIGUEIRA, K. L.; SILVA, F. G.; ZAGUI, G. S.; MESCHÉDE, M. S. C. Descarte de medicamentos e os impactos ambientais: uma revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6wySXdYtDxp3vjcnxM8sWyH/?lang=pt>.

SINITOX – SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS. Descarte de medicamentos domiciliares. Rio de Janeiro:

Fiocruz, [s.d.]. Disponível em: <https://sinitox.iciet.fiocruz.br/descarte-de-medicamentos-domiciliares>. Acesso em: 08 set. 2025.

